

ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar
histórias, memórias e identidades

Edição nº 31 - Agosto de 2026

O homem que reinventou Monlevade

Nas terras de Jean Monlevade, Louis Enschergeu a Usina que daria origem à cidade moderna. Noventa e um anos depois, a história iniciada em 1935, integra a identidade do município

 /ROTHACULTURAL

Barbanson na Câmara



O engenheiro que imaginou a grande siderúrgica de Monlevade tem busto e retrato no saguão da Câmara Municipal de João Monlevade. Peças ajudam a preservar a memória de um personagem decisivo para a história da cidade

Antes de Louis Ensich colocar em prática o grande projeto siderúrgico de Monlevade, outro europeu precisou acreditar que ele era possível. Seu nome era Gaston Barbanson.

Engenheiro e industrialista ligado ao grupo luxemburguês ARBED, Barbanson foi um dos principais articuladores da criação da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira e teve papel decisivo na escolha das antigas terras de Jean Monlevade para a implantação de uma grande usina de aço. A história da cidade industrial, portanto, começa um pouco antes das máquinas, dos altos-fornos e das primeiras casas da futura João Monlevade.

E parte dessa memória pode ser encontrada em um lugar inesperado: o saguão da Câmara Municipal de João Monlevade. Quem entra no prédio do Legislativo pode observar um busto de Gaston Barbanson, em bronze, acompanhado de um quadro com sua imagem. As peças integram o conjunto de referências históricas que ajudam a lembrar personagens que tiveram participação na formação do município.

O SONHO

No início da década de 1920, Barbanson enxergou nas antigas terras de Jean Monlevade uma possibilidade que ainda parecia distante.

A área reunia as ruínas da antiga fábrica de ferro e a região da Mina do Andrade, com minério de boa qualidade. Em 1921, a ARBED consolidou sua associação com a siderúrgica de Sa-

bará, dando origem à Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. A aquisição das terras de Monlevade fazia parte de uma estratégia mais ampla de expansão da indústria siderúrgica no Brasil.

A escolha não significava que a grande usina seria construída imediatamente. Naquele momento, ainda havia dificuldades de transporte, infraestrutura e mão de obra. Sabará acabou recebendo inicialmente os investimentos mais urgentes. Mas Monlevade permaneceu no horizonte.

Barbanson acreditava que aquele território poderia abrigar uma grande siderúrgica. A antiga propriedade de Jean Monlevade, que ainda guardava as marcas da experiência pioneira do francês, seria transformada em um novo centro industrial.

Barbanson foi o homem da visão estratégica e da articulação empresarial. Tanto que em 1935, a pedra fundamental da Usina de Monlevade foi lançada com a presença do presidente Getúlio Vargas e do próprio Barbanson, então presidente da ARBED. A siderúrgica recebeu inicialmente o nome de Usina Barbanson, em homenagem ao seu principal incentivador.

UMA MEMÓRIA NO SAGUÃO

A presença do busto e do retrato na Câmara Municipal tem justamente esse sentido: manter visível uma parte da história que poderia desaparecer com o tempo.

Hoje, sua imagem instalada no saguão da Câmara, podem ser observados por quem visita o Legislativo. Não é apenas um retrato de um industrial europeu. É uma lembrança de que a cidade começou a ser imaginada antes de ser construída.

Gaston Barbanson morreu em Luxemburgo, em 1946. Seu nome, entretanto, permaneceu ligado à siderurgia brasileira. Na época, a imprensa o apontou como um dos responsáveis pelo desenvolvimento da indústria siderúrgica no país e destacou sua participação na criação da Usina de Monlevade.

Fotos: Reprodução



EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ feliciobraz@yahoo.com.br

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida a escolas, bibliotecas e entidades - Tiragem: 1.500 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Breno Dias

O engenheiro que reinventou Monlevade

Nas terras de Jean Monlevade, o luxemburguês Louis Jaques Enschede ergueu uma usina, mas também ajudou a construir uma cidade.

Há uma imagem que talvez diga mais sobre João Monlevade do que muitas páginas de livros. No Cemitério Histórico, em frente ao Social Clube, no Vila Tanque, estão lado a lado dois europeus que viveram em tempos diferentes, mas que foram fundamentais para a história local. Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, o francês que emprestou seu nome ao lugar. E Louis Jacques Enschede, o luxemburguês que, mais de um século depois da chegada do pioneiro, transformaria aquelas mesmas terras em uma das mais importantes experiências siderúrgicas do país.

É como se a história tivesse decidido colocar os dois vizinhos para sempre. Jean Monlevade chegou ao Brasil em 1817. Enschede veio em 1927. Quando o engenheiro luxemburguês desembarcou no país, fazia cerca de meio século que Jean havia morrido, em dezembro de 1872. Mas a terra continuava carregando as marcas de sua antiga experi-

ência com o ferro.

Enschede chegou para dirigir a Usina de Sabará da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Era engenheiro, formado na Escola Técnica Superior de Aix-la-Chapelle, na Alemanha, e já havia construído carreira na indústria siderúrgica europeia.

A missão brasileira não era pequena: encontrar uma saída para uma empresa que enfrentava dificuldades técnicas e financeiras. Ele não só conseguiu, como alguns anos depois, implantou a Usina de Monlevade.

Em 31 de agosto de 1935, a pedra fundamental da nova Usina em Monlevade foi lançada. Começava ali uma transformação que seria maior do que a própria fábrica.

A paisagem mudaria. As montanhas receberiam estradas, casas, linhas de transmissão, trilhos, equipamentos industriais. Trabalhadores chegariam de diferentes lugares. Vieram também engenheiros e técnicos europeus, es-

pecialmente luxemburgueses e belgas. Aos poucos, aquele lugar se encheu de sotaques, costumes, famílias e histórias. Monlevade começava a ganhar outra forma.

UMA USINA QUE PRECISAVA DE UMA CIDADE

Talvez seja esse o ponto mais importante para compreender Louis Enschede. Ele não construiu apenas uma usina. Para colocar uma grande siderúrgica em funcionamento naquele lugar, era preciso construir as condições para que as pessoas pudessem viver ali. E foi assim que a história da fábrica passou a se confundir com a história da cidade.

Vieram as vilas operárias, as casas para trabalhadores e engenheiros, as escolas, o comércio, os clubes, os espaços de lazer e as praças. Segundo registros históricos, o projeto chegou a reunir cerca de 3 mil residências.

A chamada Cidade Alta, já extinta e a Vila Tanque, talvez sejam os melhores símbolos dessa época.

Durante décadas, aquele conjunto urbano foi muito mais do que um lugar para morar. Era um modo de organizar a vida. Ali estavam trabalhadores, famílias, crianças indo para a escola, gente chegando e partindo para os turnos da Usina. Havia o cotidiano de uma comunidade que crescia praticamente ao mesmo tempo em que os altos-fornos começavam a produzir.

Hoje, boa parte daquela paisagem desapareceu. Mas a memória ficou. É assim que uma cidade também é construída: por aquilo que permanece e por aquilo que já não existe.

A MÃE DE ENSCH

Entre as marcas deixadas por Enschede, talvez nenhuma carregue uma dimensão tão humana quanto o Hospital Margarida. Inaugurado em 16 de novembro de 1952, o hospital recebeu o nome da mãe do engenheiro, Marguerite Enschede.

O Hospital Margarida atravessou as décadas e acabou se tornando patrimônio afetivo de Monlevade. Hoje, atende moradores da cidade e de diversos municípios da região.

UM GIGANTE GENTIL

As lembranças sobre Enschede ajudam a construir uma imagem diferente da-



quela do grande executivo distante. Antonio José Polanczyk, engenheiro que posteriormente dirigiu a Usina e autor de Louis Enschede e a Belgo Mineira, descreve um dirigente que costumava percorrer as áreas de produção a pé, conversando diretamente com os trabalhadores, fazendo perguntas e observando o funcionamento da fábrica.

Também ficou registrada a sua maneira simples e gentil de tratar as pessoas. Polanczyk o descreve como alguém que não admitia privilégios ou diferenças entre colaboradores por nacionalidade, cor ou profissão.

O ÚLTIMO GESTO

Louis Enschede morreu em 1953, aos 58 anos. Sua morte interrompeu uma trajetória ainda em plena atividade. A notícia provocou comoção em Monlevade, cidade que já havia aprendido a reconhecer nele mais do que o diretor da Belgo-Mineira.

Seu corpo foi sepultado no Cemitério Histórico, conforme pedido em carta, exatamente naquela terra que ele havia escolhido como lugar de vida e trabalho. Ali está, ao lado de Jean Monlevade.

No dia 31 de agosto, a Usina completa 91 anos. O aço continua sendo produzido. A cidade mudou, cresceu e se reinventou muitas vezes. Mas há histórias que permanecem. A de Enschede é uma delas.

Mês da **conscientização** pelo fim da **violência** contra a mulher

Agosto lilás

A Câmara Municipal, por meio da **Procuradoria da Mulher**, reforça seu compromisso com a defesa dos direitos das mulheres e o combate à violência.

Violência contra a mulher é crime! Denuncie! **DISQUE 180**

Procuradoria da Mulher

Câmara Municipal de João Monlevade

BIÊNIO 2025/2026

Câmara forte, cidade forte!

DISQUE 180 #DENUNCIE DISQUE 180 #DENUNCIE DISQUE 180 #DENUNCIE DIS

A música como caminho para o desenvolvimento

Projeto Acordes leva educação musical a crianças e adolescentes e transforma salas de aula em espaços de aprendizado, convivência e criação



Fotos: Reprodução

Há crianças que descobrem a música ouvindo. Outras, a partir de projetos e ações que as aproximam desse universo musical. No Projeto Acordes, desenvolvido em João Monlevade, na Escola Municipal Israel Pinheiro (Emip,) algumas têm a oportunidade de fazer as duas coisas e, principalmente, de transformar o contato com a música em uma experiência de formação.

Mantido pela Fundação ArcelorMittal, em parceria com o poder público e empreendedores culturais, o projeto oferece aulas gratui-

tas de música erudita para crianças e adolescentes. Em 2025, quando a iniciativa completou 15 anos, foram 175 jovens atendidos no Médio Piracicaba: 100 em João Monlevade e cerca de 75 em Bela Vista de Minas.

O aprendizado envolve instrumentos como flauta, violino e violoncelo, além de leitura musical e prática em conjunto. Mais do que ensinar uma técnica, a proposta é ampliar o repertório cultural dos estudantes e desenvolver competências que acompanham o aluno para além da sala de aula.

Domingos do Prata, aproximando a formação musical erudita desenvolvida pelo projeto da sonoridade da viola e da tradição da música brasileira. A presença do músico pratiano acrescentou ao espetáculo uma dimensão regional, mostrando que diferentes universos musicais podem dialogar no mesmo palco.

CULTURA QUE PERMANECE

A experiência do Acordes também ajuda a explicar por que investimentos culturais podem produzir efeitos que vão além de uma apresentação ou de uma temporada. Há estudantes que descobrem uma vocação e seguem na música profissional. Outros levam para a vida a disciplina adquirida nos ensaios, a capacidade de ouvir o outro e a segurança para se apresentar diante de uma plateia.

No Médio Piracicaba, a iniciativa se soma a outras ações culturais apoiadas pela Fundação. Em 2025, a instituição investiu R\$2,6 milhões em 22 projetos sociais, culturais e esportivos na região, alcançando cerca de 20 mil pessoas.

DO APRENDIZADO AO PALCO

A experiência não termina nas aulas. Os estudantes também têm a oportunidade de se apresentar e vivenciar o palco. Foi assim que surgiu a Camerata Acordes, formada por alunos e professores. O grupo criou seu mais recente espetáculo, "Acordes do Sertão", que conta com a participação do violoncelista Dan Nunes, de São

> **Faça parte do nosso time!**

**M
HIPER**
COMERCIAL MONLEVADE

**Está em busca de uma oportunidade de emprego?
Seu lugar é aqui!**

Envie seu currículo para **31 99958.6712**

**Vagas
extensivas
a 60+**



Todas as vagas são
extensivas a PCD

Bela Vista celebra sabores e canções



Fotos: Sebastião Avila

Festival reuniu gastronomia, música autoral e artistas de diferentes cidades em três dias de programação no Parque de Exposições Maestro Valdivino dos Santos

Bela Vista de Minas teve um fim de semana em que a cultura ocupou a mesa, o palco e a memória da cidade, relembrando grandes festivais. Entre os dias 14 e 16 de agosto, o Parque de Exposições Maestro Valdivino dos Santos recebeu o 10º Festival Gastronômico e o 16º Festival da Canção Canta Bela Vista, reunidos no projeto “Sabores & Canções”.



Durante três dias, milhares de pessoas ocuparam o espaço para experimentar os sabores preparados pelos participantes e acompanhar a programação musical. A organização foi conduzida pela equipe da Prefeitura, com apoio de Sérgio Barroso e Rodrigo Magalhães, além de voluntários e pessoas da comunidade.

A proposta aproximou duas manifestações que dizem muito sobre a identidade de uma comunidade: a culinária, com seus sabores e saberes transmitidos entre gerações, e a música, capaz de transformar histórias e sentimentos em canções.

Com entrada gratuita, o evento reuniu moradores, visitantes, cozinheiros, compositores e intérpretes de diferentes cidades. A programação também contou com shows de Tianastácia, Rockbeat, Harley Queen, Nós Nus e Sara Mendes, que animaram o público.

MÚSICA QUE CONTA HISTÓRIAS

Um dos momentos mais aguardados foi o Festival da Canção. A competição recebeu compositores e intérpretes de diferentes municípios e reafirmou uma das características que fazem do Canta Bela Vista uma iniciativa importante para a música autoral: abrir espaço para artistas de diferentes regiões e criar um palco para novas composições.

Entre as 22 músicas inicialmente selecionadas, dez chegaram à etapa final. O primeiro lugar ficou com o cantor e poeta Cícero Gonçalves, de Contagem, autor e intérprete de “De cantoria em cantoria”. A composição recebeu R\$10 mil.

A segunda colocação foi con-

quistada pelo grupo Os Bazés, de São João Nepomuceno, com “Pedra Bonita”, premiada com R\$ 6 mil. Em terceiro ficou Richard Brazil, de Novo Cruzeiro, com “Minas Menina”, que recebeu R\$5 mil.

O monlevadense João Roberto ficou em quarto lugar com “Terra Minas”, recebendo R\$4 mil. Na quinta colocação, “Salvação”, de Anderson Torga e Rogério Guedes, de Belo Horizonte, recebeu R\$3 mil.

O júri também reconheceu os destaques individuais. Jenyffer Nicodemos Fraga, de Dom Silvério, foi escolhida Melhor Intérprete, com “Poço do Mistério”, recebendo R\$4 mil.

Já o prêmio de Melhor da Terra, destinado à produção local, ficou com Eduardo Vieira, o Duardim Vieira, de Bela Vista de Minas. “Me Alegarei em Ti” foi considerada pelo corpo de jurados a melhor música representante do município e recebeu R\$3 mil.

O resultado mostrou a força da participação regional, reunindo artistas de diferentes cidades e colocando Bela Vista no circuito dos festivais de música autoral.

O SABOR DA TERRA

Enquanto os músicos ocupavam o palco, a gastronomia dava outro tom à festa. O Festival Gastronômico reuniu empreendedores locais e apresentou pratos e produtos preparados no município. A iniciativa funciona também como uma vitrine para cozinheiros e estabelecimentos que encontram no evento uma oportunidade de apresentar seu trabalho a um público formado por moradores e visitantes.

O primeiro lugar ficou com a jovem confeitaria Yane e sua equipe. Os bolos apresentados pelo grupo chamaram a atenção do júri pela combinação de sabor, textura e apresentação. A gastronomia, ali, não se limitou à competição. Em torno das mesas, também estavam presentes receitas, ingredientes, modos de preparo e conhecimentos que fazem parte da memória afetiva de uma comunidade.

MEMÓRIA NO PALCO

O festival reservou ainda espaço para homenagear pessoas que contribuíram para a história cultural de Bela Vista de Minas. Entre os homenageados estiveram os músicos Antônio Basílio Barcelos, o Nonô, e José Geraldo Barroso, o Barrado, pioneiros da música regional. Os dois receberam o Prêmio Mérito Cultura, entregue pela prefeita Samantha Ávila e pela vice-prefeita Rode Basílio.

FESTA JÁ FAZ PARTE DA CIDADE

A estrutura impecável montada no Parque de Exposições Maestro Valdivino dos Santos contou com palco, tendas e sistema de sonorização. A qualidade da estrutura recebeu elogios dos participantes e das bandas que se apresentaram durante a programação. A realização, que já se tornou uma tradição, teve apoio da Associação Comercial (Aciabel) e da Prefeitura. Ao chegar à 10ª edição gastronômica e à 16ª edição do Festival da Canção, o “Sabores & Canções” mostra que uma festa pode ser também uma forma de preservar identidade.

Barraco 32 e a cena Hip Hop de João Monlevade

Por Breno Dias

História, resistência e cultura de rua que mantêm viva uma cena construída por muitos

João Monlevade tem uma cena hip hop viva, formada por artistas, coletivos, produtores e trabalhadores da cultura de rua. No centro dessa história está o Barraco 32, grupo que, há quase uma década, movimenta a cidade, produz música, participa de festivais e contribui para manter acesa a chama do rap monlevadense.

O Barraco 32 surgiu em 2017, a partir de um home studio que se tornou ponto de encontro para MCs, produtores e admiradores do hip hop. O espaço ganhou identidade e passou a ser conhecido como

Barraco 32. O que começou como estúdio transformou-se em produtora musical e, em 2018, o grupo se consolidou na cena do rap local.

A formação reúne Cesar Wil, skatista, educador e produtor cultural; Bruno (IMAGINATT), beatmaker; Lucas Dias (Luk); e Breno na Função, que iniciou sua trajetória no hip hop em 2009. Juntos, constroem uma história marcada pela produção independente, pela ocupação de espaços e pela valorização da cultura de rua.

Contar a história do Barraco 32 é também contar a história de



Formação atual do grupo Barraco 32 nesta foto: Cesar Wil, Breno Na Função, Luk e Imaginatt

uma cena que vai muito além de um único grupo. João Monlevade possui diversos coletivos, batalhas, artistas e produtores que ajudam a construir esse movimento. Coletivo Fluxo, Illuminã, Batalha da Dose, Sinal da Cruz e tantos outros fazem parte dessa caminhada.

Os festivais também são fundamentais nessa trajetória. O Festival Pedro Alcântara, o Festival Favela é Isso Aí – Mostra da Diversidade Cultural e o Festival Baobá deram visibilidade aos artistas locais e ajudaram a fortalecer a cultura na cidade.

A trajetória do Barraco 32 ganhou destaque no Festival Baobá, onde o grupo dividiu a programação, em diferentes edições, com nomes nacionais como Froid, FBC, Djonga e Tasha & Tracie. Em 2026, o festival dedicou uma sexta-feira aos artistas da região. O Barraco 32 integrou o show de Cesar Wil & Su Ferrarini, que apresentou músicas do EP Inesperado de Maneira Ágil. A programação também recebeu a Batalha da Lona 12, antigo movimento da Batalha da Dose, e a dupla Illuminã.

Outro momento importante aconteceu em 2025, com o lançamento do EP 32 Motivos pra Tocar no Rádio, produzido com recursos da PNAB. O trabalho reúne cinco faixas e conta com acessibilidade em Libras.

Mais do que um grupo, o Barraco 32 representa resistência, união e trabalho coletivo. Sua história se

confunde com a de uma cena construída por muitas mãos.

Valorizar o hip hop de João Monlevade é reconhecer quem organiza uma batalha, produz um beat, escreve uma rima, dança, pinta um muro, ocupa um palco e cria oportunidades para que a cultura continue existindo.

O Barraco 32 é parte dessa história. Mas a história pertence a todos. E Eu digo: Baobá Vive!

E que essa voz continue ecoando por muitos anos em Monlevade.

Saiba mais: @bnf.official_@barraco32prod@batalhadalona12



(*) Breno Dias é MC, compositor e fundador do Barraco 32. Integra também o Coletivo Fluxo e o projeto Quebrada de Baixo (QDB). Membro do Conselho Municipal de Política Pública Cultural

**O FOGO COMEÇA PEQUENO.
AS CONSEQUÊNCIAS, NÃO.**

NÃO FAÇA QUEIMADAS.
AO PRESENCIAR UMA, DENUNCIE.

Secretaria Municipal de Meio Ambiente
(31) 3859-0678

Polícia Militar
190

Disque Denúncia
181

Corpo de Bombeiros
193

Brigada Florestal
0800 000 3407

PREFEITURA DE **JOÃO MONLEVADE**
ADMINISTRAÇÃO 2025 - 2028

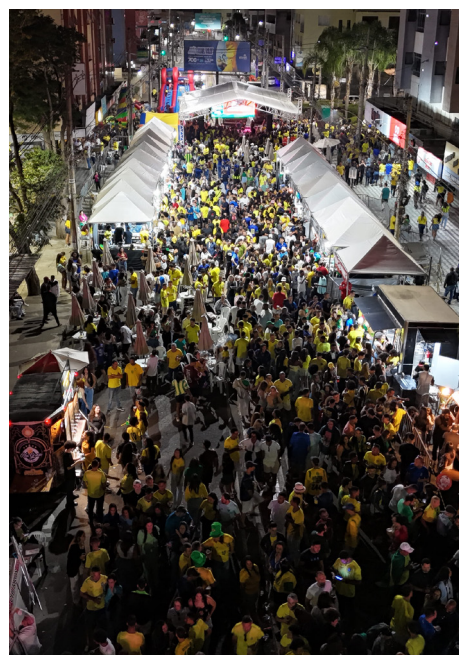
Cultura movimenta a cidade

João Monlevade registra crescimento de 92,1% nas atividades econômicas ligadas à arte, cultura, esporte e recreação. Festivais, editais e empreendedorismo ajudam a explicar uma transformação que vai além dos palcos

Durante muito tempo, cultura e economia foram tratadas como assuntos separados. Mas João Monlevade começa a mostrar que essa divisão já não explica completamente o que acontece na cidade.

Nos últimos cinco anos, o município registrou crescimento de 92,1% nas atividades econômicas relacionadas à arte, cultura, esporte e recreação, segundo levantamento do Observatório Setorial Territorial do Sebrae. O desempenho colocou João Monlevade acima de grandes cidades mineiras, como Belo Horizonte, Contagem, Uberlândia e Itabira.

O número chama atenção porque não mede apenas a quantidade de eventos realizados. Ele revela o cres-



cimento de uma cadeia que envolve artistas, produtores, técnicos, artesãos, cozinheiros, comerciantes, fornecedores e outros profissionais que encontram na economia criativa uma fonte de trabalho e renda. E alguns dos acontecimentos mais visíveis dessa transformação estão nas ruas.

A CIDADE COMO PALCO

O Festival Baobá é um dos exemplos mais expressivos. Criado para valorizar as culturas afro-brasileiras, africanas e afrodiáspóricas, o evento chegou em 2026 à quarta edição reunindo música,



literatura, gastronomia, empreendedorismo, manifestações tradicionais e expressões contemporâneas. A Praça do Povo tornou-se espaço de encontro entre diferentes gerações e linguagens.

Mas o Baobá não se limita aos grandes shows. A programação também abre espaço para quem produz e comercializa cultura.

No credenciamento de 2026, foram incluídos empreendedores de alimentação, artesanato, moda, literatura e outros bens culturais. O edital ainda determinou que as barracas de alimentação oferecessem ao menos uma preparação relacionada às tradições afro-brasileiras, africanas ou afrodiáspóricas e reservou no mínimo 30% das vagas para empreendimentos de pessoas negras.

A gastronomia, assim, deixa de ser apenas acompanhamento de uma festa. Passa a ser parte da própria narrativa cultural. O mesmo acontece com festivais gastronômicos realizados na cidade. O Festival Gastronômico Mistura, por exemplo, em sua quarta edição, reuniu 23 empreendimentos de comidas e bebidas e movimentou uma cadeia de profissionais envolvidos na produção e atendimento.

Em abril de 2026, o Festival Gastronômico Sabores da Feira – Sabor e Afeto levou a proposta para a Feira da Economia Popular e Solidária (EPS), reunindo produtores, pratos, oficinas, música e concurso gastronômico.

OPORTUNIDADE NO PRÉ-FOLIA

A Pré-Folia segue a mesma lógica. Em janeiro, além da Pré-Folia, com desfile de blocos nas ruas da cidade, a Feira da Economia Popular e Solidária incorporou blocos carnavalescos, música, gastronomia, artesanato e produtos da economia popular à programação. O resultado foi uma festa, mas também um espaço de comercialização e convivência.

É justamente essa combinação que ajuda a compreender o dado do Sebrae. Quando uma apresentação leva público para uma praça, alguém vende comida. Alguém monta o palco. Outro trabalha com som, iluminação, fotografia, segurança, transporte ou divulgação. O artesão expõe. O artista recebe. O comércio se movimenta. A cultura cria uma pequena economia ao seu redor.



O DINHEIRO QUE CHEGA AO ARTISTA

Outro componente dessa transformação são os mecanismos de fomento. João Monlevade recebeu cerca de R\$ 700 mil da Lei Paulo Gustavo, distribuídos por editais voltados ao audiovisual, cinema de rua e itinerante, mostras e festivais, manifestações culturais e culturas populares e tradicionais.

Os recursos ajudam a tirar projetos do papel e a colocar dinheiro diretamente nas mãos de artistas e produtores.

Ao lado deles, políticas como a PNAB, que também contempla projetos com cerca de R\$700 mil ampliaram

as possibilidades de financiamento cultural, enquanto iniciativas de economia solidária e feiras criaram espaços permanentes de comercialização.

O crescimento de 92,1%, portanto, não pode ser atribuído a um único festival ou programa. Ele é resultado de um conjunto de movimentos.

UMA NOVA IDEIA DE DESENVOLVIMENTO

João Monlevade construiu sua história econômica sobre a siderurgia. É natural que o aço continue sendo parte essencial de sua identidade. Mas a cidade também produz música, teatro, literatura, gastronomia, artesanato, festas, memória e conhecimento. O que o levantamento do Sebrae revela é que essas atividades deixaram de ocupar apenas um lugar simbólico. Elas passaram a movimentar negócios.

A diretora-presidente da Fundação Casa de Cultura, Nadja Lírio, avalia que o resultado demonstra que investir em cultura também significa investir no desenvolvimento do município. Segundo ela, nos últimos cinco anos, a política cultural buscou ir além da realização de eventos, com ações de formação, profissionalização, fomento, valorização do patrimônio, turismo e geração de oportunidades. “Esse resultado nos deixa muito felizes e nos mostra que estamos no caminho certo. Buscamos construir uma política cultural que fosse muito além da realização de eventos”, afirmou.

Nadja também destacou o impacto da cultura em outros setores da economia. “Quando um artista local é contratado, um artesão comercializa seu trabalho ou um evento movimenta o comércio e os serviços, toda a economia é beneficiada. Esse crescimento registrado pelo Sebrae reforça a importância de manter políticas públicas contínuas e estruturadas para o setor”, afirmou.

Fotos: Reprodução

SOS PATRIMÔNIO

Justiça determina recuperação emergencial de igrejas históricas de Cocais

Duas das principais referências históricas e religiosas de Cocais, em Barão de Cocais, estão em risco. A Justiça determinou medidas emergenciais para preservar a Capela de Sant'Ana e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 1939.

A decisão da Vara Única de Barão de Cocais atende a pedido do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG). Laudos e vistorias apontaram infiltrações, trincas, deterioração de estruturas de madeira, problemas nas coberturas e riscos à segurança. As chuvas recentes teriam agravado o quadro. Os dois templos também integram o Núcleo Histórico Urbano de Cocais, protegido pelo município desde 2007.

PRAZO DE 60 DIAS

A Prefeitura, a Arquidiocese de Mariana e a Paróquia de São José terão 60 dias para elaborar e protocolar no Iphan e no Conselho Municipal de Patrimônio Cultural projetos de recuperação das coberturas. As medidas incluem revisão das estruturas de madeira, substituição de telhas, instalação de manta de subcobertura e recuperação da drenagem de águas pluviais. A Justiça determinou ainda a retirada de uma colônia de abelhas instalada na torre da Igreja do Rosário e a recuperação da estrutura do sino. O

descumprimento poderá gerar multa diária de R\$5 mil para cada réu, limitada inicialmente a 30 dias.

A Prefeitura informou que equipes de Obras, Saneamento e Defesa Civil já vistoriaram os imóveis e identificaram problemas estruturais. A Secretaria de Cultura e Turismo também busca soluções junto à paróquia.

MEMÓRIA DE MINAS

Os dois templos foram inscritos pelo Iphan no Livro de Belas Artes em 8 de setembro de 1939. Em 2026, completam 87 anos de tombamento federal. A Capela de Sant'Ana está ligada à formação de Cocais, cujo povoamento remonta ao século XVIII. Já a Igreja do Rosário dos Pretos guarda a memória das irmandades formadas por pessoas escravizadas, negros libertos e mestiços.

Para o coordenador de Patrimônio Cultural do MPMG, Marcelo Azevedo Maffra, os templos são "verdadeiros marcos da história e da memória do distrito de Cocais". O promotor Lucas Daniel Duarte de Souza afirmou que a liminar representa um avanço na proteção do patrimônio. A decisão judicial vai além da recuperação de telhados e estruturas. Ela coloca em pauta a responsabilidade pela preservação de um patrimônio que atravessou séculos e integra a memória do Médio Piracicaba e de Minas Gerais.



NÃO ADIANTA CHORAR PELO LEITE DERRAMADO.

NEM PELO FOGO QUE VOCÊ PODIA TER EVITADO.



NÃO PROVOQUE QUEIMADAS.
QUEIMADA É CRIME.

DENUNCIE.
193 - BOMBEIROS
LIGAÇÃO GRATUITA

(31) 99954-4254
BRIGADA FLORESTAL

(31) 3853-1271
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE



PREFEITURA
BELA VISTA DE MINAS
criado 2025/2026